

## 2. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão

### 2.1. A terminologia recorrente

Durante muito tempo os escritos apocalípticos foram tratados como fantasiosos, esotéricos, de difícil compreensão. Somente no século XX a apocalíptica e o apocalipsismo passaram a ter sua importância intensificada.

Essa importância cresceu na medida em que foi sendo constatada a grande participação desses escritos na formação do pensamento cristão, com sua influência na fé e nas expectativas do judaísmo tardio e do cristianismo primitivo, sendo os livros intertestamentários o principal exemplo disso.

Sabe-se também que o interesse pela literatura apocalíptica normalmente cresce em tempos de crise, como aconteceu após a Primeira Guerra Mundial, no século passado, assim como no primeiro século da Era Cristã (sob o domínio do Império Romano), e também na época macabaica da história de Israel (século II a.C.).

Assim, vários fatores contribuíram para o renascer do interesse pela apocalíptica, como a disponibilidade de novos textos (por exemplo, os manuscritos encontrados em Qumran, perto da costa do Mar Morto), o reconhecimento pelos teólogos em geral da importância da apocalíptica no estudo teológico<sup>356</sup> (ao contrário do pequeno valor dado ao tema no século XIX), ajudando na compreensão não só da profecia do AT mas também dos Evangelhos e epístolas neotestamentárias, e a afinidade com o mundo moderno, em que incertezas, temores e tentativas de prever o futuro, tudo calcado em crises sócio-políticas e religiosas, lembram circunstâncias de escritos apocalípticos.

Entre esses escritos pode haver registros irrelevantes; mas há muita coisa informativa e de valor perene. Atualmente se reconhece que a apocalíptica representa um desdobramento significativo no judaísmo intertestamentário, sendo fator importante para a compreensão do contexto histórico e teológico do NT, sobretudo em relação às crenças de cunho escatológico e messiânico.

D. S. Russel afirma que o gênero apocalíptico “era, essencialmente, um fenômeno literário que emergiu no Judaísmo durante o domínio do rei selêucida

---

<sup>356</sup> Podem ser citados, entre outros, Ernst Käsemann, Wolfhart Pannenberg e Jürgen Moltmann (cf. RUSSELL, D. S. *Apocalyptic: ancient and modern*, p. 23-24).

Antíoco Epífanes (175-163 a.C.)<sup>357</sup>. Ele acredita que:

A palavra “apocalíptico” é derivada do substantivo grego *apokalypsis*, que significa “revelação”. Entretanto, seu uso, com referência a esse gênero de literatura, é devido com toda probabilidade não ao caráter revelatório dos livros em questão, mas preferivelmente ao fato de que eles têm muito em comum com o Apocalipse do Novo Testamento, com seu linguajar esotérico, sua imaginação bizarra e seus pronunciamentos relativos à consumação de todas as coisas em cumprimento das promessas de Deus<sup>358</sup>.

Em nível corrente, palavras como “apocalipse” e “apocalíptica” são, modernamente, encontradas em temas de novelas, filmes e até em jogos de computador, sempre envoltas em tramas de indescritível terror e derramamento de sangue; nesse aspecto, resumem a idéia de “catástrofe absoluta” e “colapso total” da sociedade, lembrando completa destruição do gênero humano e devastação por guerra nuclear do planeta Terra<sup>359</sup>. Assim, a apocalíptica tem uma mensagem que, reinterpretada na forma dos modelos contemporâneos e culturais, pode ser de extrema relevância para o mundo atual.

Nas análises que já foram feitas do material encontrado em Qumran, fica clara uma estreita afinidade entre essa comunidade e outros grupos apocalípticos que deram origem a esse material. No caso do livro de *Daniel*, por exemplo, foram encontrados pelo menos “sete manuscritos qumrânicos do livro de Daniel, o que certamente acusa sua apreciação entre os membros da comunidade”<sup>360</sup>. O mesmo ocorreu com outros livros do período interbíblico, como o *Livro dos Jubileus* (fragmentos de pelo menos dez manuscritos desse livro) e *I Enoque* (restos de dez manuscritos aramaicos diferentes).

A literatura apocalíptica abrange, primeiramente, os escritos judaicos e cristãos compreendidos entre 250 a.C. e 100 d.C., época em que esse tipo de literatura floresceu abundantemente, embora traços dela possam ser encontrados em escritos anteriores e posteriores.

Entretanto, a palavra “apocalíptica”, além de seu uso freqüente como simples sinônimo para “cataclismo” na literatura moderna, possui uma gama variada de nuances e interpretações, ocasionando uma dificuldade óbvia no estudo desse gênero<sup>361</sup>. A designação costuma abarcar, também, outros gêneros que constituem

<sup>357</sup> Ibidem, p. 03.

<sup>358</sup> Ibidem.

<sup>359</sup> Idem. *Desvelamento divino*, p. 16.

<sup>360</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>361</sup> Idem. *Apocalyptic: ancient and modern*, p. 21.

parte do mesmo ambiente<sup>362</sup>.

Vimos que a palavra “apocalíptica” é de origem grega e significa “descobrir”, “revelar”. Entretanto, essa definição, por si só, não explica o leque de sentidos que a palavra e seus cognatos abarcam. Primeiramente, foi uma expressão técnica que a Igreja Cristã utilizou, a partir do II século d.C., para indicar todo escrito semelhante ao *Apocalipse* canônico, pegando deste o nome para designar o estilo de escrever.

Em linha geral, essa literatura inclui conflito, escatologia e universalismo. A história humana e a cósmica pertencem conjuntamente a um desdobramento do grande e dramático conflito entre Reino de Deus e Reino de Satanás. A era do conflito será difícil e amarga, mas se encerrará brevemente. O triunfo de Deus está assegurado, e junto com ele o triunfo de seu povo. Essa vitória se alcançará não por desenvolvimento natural, mas ou por revolução ou, preferivelmente, por uma intervenção catastrófica e sobrenatural. O próprio Deus dominará sobre a história em um ato poderoso de julgamento e estabelecerá seu reino. Essa noção de final da história é um tema constantemente repetido nessa literatura, e é esse fim que dá sentido ao presente e ao passado; e, também nele, todas as coisas, na Terra e no Céu, receberão sua recompensa merecida.

A expressão “apocalíptica” é usada, além da função adjetiva, também como substantivo coletivo, designando tanto a “literatura apocalíptica” como o conjunto de idéias que a produziu, ocasionando confusão no debate apocalíptico no correr dos anos. John Joseph Collins apresenta três razões desse uso indistinto do termo: o uso do nome “apocalipse” para designar um amálgama de elementos literários, sociais e fenomenológicos; a falta de clareza no reconhecimento e na classificação desse gênero na Antiguidade (rotulado como gênero somente a partir do *Apocalipse* neotestamentário); e o fato de os próprios apocalipses judaicos abrançarem várias formas literárias distintas, como visões, preces, lendas, testamentos e outros<sup>363</sup>.

Klaus Koch define o termo genérico “apocalíptico” como “especulação que – freqüentemente em forma alegórica (...) – pretende interpretar o curso da história e revelar o fim do mundo”<sup>364</sup>. Ele trouxe certa clareza a essa confusão

<sup>362</sup> Idem. *Desvelamento divino*, p. 26.

<sup>363</sup> COLLINS, J. J. *Daniel, with an introduction to apocalyptic literature*, p. 2-3.

<sup>364</sup> KOCH, Klaus. *The rediscovery of apocalyptic*, p. 33.

terminológica; o “apocalipse” trata-se de um macrogênero, do qual se faz necessário distinguir os diversos tipos literários que o compõem. Distingue “apocalipse” (tipo ou gênero literário) e “apocalíptica” (“movimento intelectual”). Ele tomou como referência os escritos apocalípticos compostos em hebraico ou aramaico (ou que mostrassem claramente essa influência), os quais identificou como sendo *Daniel*, *I Enoque*, *II Baruque*, *IV Esdras*, o *Apocalipse de Abraão* e o *Apocalipse de João*<sup>365</sup>.

Assim, submetidos esses escritos à crítica das formas, parecem mostrar que havia um estilo apocalíptico em torno da virada da era, ou seja, o apocalipse constituía tipo literário reconhecível, apesar do caráter complexo e de absorver em si mesmo outros gêneros. A “apocalíptica” seria um termo coletivo indicando “um movimento de mente” histórico, cujos motivos também seriam identificáveis, embora não tão fáceis como as marcas crítico-formais do apocalipse como gênero literário.

Segundo Koch, os motivos desses escritos seriam as condições existenciais em termos da iminente convulsão em uma grande catástrofe cósmica como ápice do curso predeterminado da história, em que desempenham papel importante os “anjos das nações”. Após a catástrofe, os justos gozarão uma salvação paradisíaca que nasce no trono de Deus e se torna visível como “o Reino de Deus” sobre a Terra ou como “a era vindoura” em contraposição a “era presente”; muitas vezes, a redenção final está associada a “um mediador exercendo funções reais” e é descrita como “ressurreição gloriosa” que caracterizará a era vindoura no céu.

Já Paul D. Hanson, professor da Universidade de Harvard, avançou na classificação e propôs uma distinção tríplice: estabelece nítida separação entre “apocalipse”, “escatologia apocalíptica” e “apocalipsismo”<sup>366</sup>. Essa tríplice distinção se fundamenta em gênero, cosmovisão e movimento social.

Ele usa o termo *apocalipse* para designar o gênero literário que pode ser encontrado ao lado de outros gêneros, como o testamento, o oráculo de julgamento e de salvação e a parábola. O *Apocalipse* de João, nos seus dois primeiros versos, daria, como paradigma, os quatro pontos da estrutura típica desse gênero: uma revelação que é dada por Deus; a transmissão se dá por um mediador; o re-

<sup>365</sup> Ibidem, p. 18-35.

<sup>366</sup> HANSON, Paul D. Apocalypse, genre; apocalypticism. In: CRIM, Keith (Ed.). *IDB*, p. 27-34. Supplementary volume.

ceptor é um visionário; os temas tratados dizem respeito a eventos futuros. Seu marco social também é tomado do *Apocalipse* (1,19): esclarecer aos eleitos aquilo que ainda há de acontecer, servindo então de coragem e conforto numa época de opressão, com o intuito de manter a fidelidade deles<sup>367</sup>. Um exemplo desse gênero se dá em *Daniel* 7-12.

Hanson, a exemplo do que já afirmara Koch, assevera que os escritores utilizaram o gênero apocalíptico com considerável liberdade, adaptando-o aos seus propósitos, resultando numa diversidade de expressões. Assim, um apocalipse não é necessariamente o gênero exclusivo numa obra assim classificada (é dominante na maioria dos casos), mas encontrado com muitos outros.

Por *escatologia apocalíptica* ele entende como sendo não um gênero, nem um movimento sociorreligioso ou um sistema de pensamento, mas uma “perspectiva religiosa”, uma cosmovisão, ou seja, “um modo de ver os planos divinos em relação com realidades mundanas”<sup>368</sup>, não sendo exclusividade de uma religião ou grupo político específicos, mas podendo ser adotada por diferentes grupos ou indivíduos em diferentes épocas e diferentes níveis. Essa perspectiva concebe a ação salvífica de Deus como uma realização para fora da ordem presente, caminhando para uma ordem transformada e futura; essa nova ordem, diferentemente da escatologia dos profetas do AT (os quais concebiam uma reabilitação da ordem presente), implica necessariamente o fim da ordem presente pela sua destruição. O futuro é tomado como contexto de julgamento e salvação eterna; nessa perspectiva acerca do futuro, a escatologia apocalíptica “pode ser vista como uma continuação da escatologia profética”<sup>369</sup>.

Assim, a realidade é dividida em duas eras: a presente era má e a futura era de justiça, retidão e paz (*IV Esdras*, do primeiro século d.C., afirma em 7,50: “O Altíssimo não fez uma era, mas duas”). Essas eras não dizem respeito somente a épocas temporais, mas a duas ordens ou realidades cósmicas distintas.

Acrescenta-se a isso o fato de que essa escatologia não se preocupa apenas com a era vindoura, mas também com a interpretação do passado e da era presente (a presente é a ordem ou era do mal). Além disso, ela não é limitada aos apocalipses, mas aparece também em outros gêneros literários.

---

<sup>367</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>368</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>369</sup> Ibidem, p. 30. Isso não significa, entretanto, que essas duas escatologias, em essência, sejam a mesma coisa (cf. HANSON, Paul D. *The dawn of apocalyptic*, p. 11).

Já o *apocalipsismo* está relacionado a “um movimento religioso-social” que adota a perspectiva da escatologia apocalíptica: é “um sistema de pensamento produzido por movimentos visionários, construídos sobre uma perspectiva escatológica específica”<sup>370</sup>. Assim, a realidade é vista através do universo simbólico no qual o grupo apocalíptico codifica sua identidade e sua interpretação dessa realidade. Esse universo é desenvolvido como uma forma de protesto contra a sociedade dominante, expressando o senso de “impotência” do grupo frente a essa dominação. Ele serve como resposta a essa situação; esse novo universo simbólico deverá substituir a velha ordem.

Entretanto, esse “movimento” se expressa de diversas maneiras como resultado de condições históricas que se modificam, não sendo possível, assim, dar uma definição formal cognitiva do apocalipsismo; abrange diferentes temas, tradições e gêneros, sendo que “o resultado é com frequência uma coleção de conceitos e motivos de alta natureza eclética e caracterizada pelo esotérico, bizarro e arcano”<sup>371</sup>.

Hanson acrescenta ainda que esses movimentos apocalípticos podem ser de dois tipos: um grupo marginalizado ou oprimido dentro de uma sociedade, ou uma nação inteira sob o jugo de um poder estrangeiro (como em *Daniel 7-12*)<sup>372</sup>. A base do apocalipsismo é a alienação (exclusão e opressão), e a resposta a esta situação é a adoção da perspectiva da escatologia apocalíptica. Os apocalipsistas judeus antigos criaram um novo “universo simbólico” em resposta à experiência de alienação e opressão que viviam, estando subjugados às autoridades políticas e religiosas de sua época<sup>373</sup>.

## 2.2. As expressões literárias da apocalíptica: conceituações

Dado todo o exposto, podemos verificar a falta de clareza e a diversidade de opiniões no tratamento do tema entre esses principais autores. Apesar disso,

<sup>370</sup> HANSON, Paul D. Apocalypse, genre; apocalypticism. In: CRIM, Keith (Ed.). *IDB*, p. 28. Supplementary volume.

<sup>371</sup> Ibidem, p. 30. Cf. também, do mesmo autor, *The dawn of apocalyptic*, p. 433.

<sup>372</sup> Idem. *The dawn of apocalyptic*, p. 434-435.

<sup>373</sup> Essa idéia de que a apocalíptica teve origem em grupos oprimidos tem sido questionada recentemente. Cf. GARMUS, Ludovico. Traços apocalípticos em *Ezequiel 38-39*. In: *Apocalíptica*. Estudos Bíblicos, nº 65, p. 35-47. Para ele, o texto de *Ezequiel* tem características apocalípticas e provém de um grupo sacerdotal. Entretanto, este não é o caso de *Daniel 2*, conforme veremos adiante.

podemos distinguir o *apocalipse* enquanto gênero e a *apocalíptica* enquanto mentalidade, deixando a escatologia como um tema à parte, já que não é um tema exclusivo da apocalíptica nem um tema que, embora muito recorrente, necessariamente nela aparece.

Podemos asseverar, então, que *apocalipse* trata-se de um gênero literário, e *apocalíptica* trata-se de uma mentalidade, uma forma de pensar específica, cuja expressão se dá por diversas formas literárias.

Assim, a *literatura apocalíptica* abarca os diversos escritos que refletem a *apocalíptica* quanto *mentalidade* que se expressa em diversas formas literárias. Assim sendo, a *apocalíptica* utiliza uma variada gama de gêneros literários, dentre os quais se destaca o gênero *apocalíptico*, que é o que melhor expressa as características da dita mentalidade.

Portanto, além do gênero *apocalíptico*, a *mentalidade apocalíptica* incorpora outros gêneros literários (testamento, parábola, hino, oração e outros). Essas formas literárias não são “subgêneros” do apocalipse<sup>374</sup>, mas a expressão de uma forma de pensamento, de uma determinada concepção da realidade e a explicação de seu sentido, expressão essa que se utiliza de vários gêneros literários.

Um outro grupo de especialistas no assunto, pertencentes à SBL (*Society of Biblical Literature*), também afirma que os escritos apocalípticos não podem ser tratados como um gênero uniforme, como um bloco monolítico. Dentre eles está John Joseph Collins; para ele, um apocalipse “não é constituído por um ou mais temas distintivos, mas por uma combinação de elementos, os quais são encontrados em outros lugares”<sup>375</sup>. Collins define apocalipse como:

Um gênero de literatura de revelação inserido numa moldura narrativa, na qual uma revelação é mediada por um ser do outro mundo para um receptor humano, revelando uma realidade transcendente a qual é tanto temporal, na medida em que visa à salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, um mundo sobrenatural<sup>376</sup>.

Como especificação do gênero literário apocalíptico, conforme apresente mais marcadamente o aspecto temporal ou geográfico (o mundo sobrenatural, conforme definição acima), Collins sugere como significativa a distinção entre os

<sup>374</sup> Como asseverou, por exemplo, John G. Gammie (CF. GAMMIE, John G. The classification, stages of growth, and changing intentions in the book of Daniel. *JBL*, nº 95, p. 193, nota 15. Cf também a análise nas p. 142-143 desta dissertação).

<sup>375</sup> COLLINS, J. J. *The apocalyptic imagination*, p. 8.

<sup>376</sup> Idem. (Ed.). *Apocalypse: the morphology of a genre*, p. 9; cf. também, do mesmo autor, *Daniel, with an introduction to apocalyptic literature*, p. 4.

apocalipses “históricas” (*Daniel*; o *Livro dos sonhos* e o *Apocalipse das semanas* no *I Enoque*; *Livro dos Jubileus*, *IV Esdras* e *II Baruque*) e os apocalipses de viagens a outro mundo (em *I Enoque*, o *Livro das sentinelas*, o *Livro de astronomia e Similitudes*; *II Enoque*; *III Baruque*; o *Testamento de Abraão*; o *Apocalipse de Abraão*; o *Apocalipse de Sofonias*; e o *Testamento de Levi 2-5*)<sup>377</sup>.

Segundo ele, esses dois são os tipos básicos do gênero apocalíptico. No primeiro, é feita uma inspeção da história enquanto conducente a uma crise escatológica sem referência à viagem a outro mundo; no segundo, estão aqueles que descrevem viagens para outro mundo e podem se referir à inspeção histórica, a fenômenos cósmicos ou à sorte do indivíduo após a morte.

Os apocalipses *históricas* podem ter como meio de revelação a *visão de um sonho simbólico* (como em *Daniel 2 e 7*), a *epifania*, um *discurso angelical*, um *diálogo de revelação*, *midrax*, *pesher*, e *relato de revelação*. O conteúdo da revelação pode ser a *profecia ex-eventu* (que pode ser de dois tipos: *periodização da história*, como em *Daniel 2 e 7*, e a *profecia relativa a reinado*), e as *predições escatológicas*.

Já os *apocalipses de “viagens” a outro mundo*, cujas “formas componentes freqüentemente sobrepõem-se com aquelas dos apocalipses ‘históricas’”<sup>378</sup>, podem ter como meio de revelação a *transportação do visionário* e a *narrativa de revelação*, e como conteúdo *listas de coisas reveladas*, as *visões das moradias dos mortos*, *cenários de juízo*, *visões de trono*, e *listas de vícios e virtudes*.

Em ambos os casos, ocorrem paralelos com escritos persas. No caso das *visões de sonho simbólico*, podem “ser vistas como uma adaptação dos sonhos simbólicos que são atestados por todo o Oriente Próximo”<sup>379</sup>. Como já assinalamos, no *Bahman Yasht* persa (*yasht* significa “ritualmente recitado”, parte do *Avesta* que contém orações dirigidas aos deuses, recitadas nas festas), Zaratustra tem uma visão simbólica de uma árvore com quatro ramos (no capítulo primeiro, pois no terceiro há uma variante em que aparece uma árvore com sete ramos). *Ahura Mazda* interpreta os ramos como períodos que virão. Esse *yasht*, na forma em que se apresenta atualmente, é uma composição tardia, da era cristã, mas é largamente aceito que ele preserva material muito antigo do *Avesta*.

<sup>377</sup> Idem. *Daniel, with an introduction to apocalyptic literature*, p. 6-19.

<sup>378</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>379</sup> Ibidem, p. 7.

Diferentemente dos paralelos babilônicos, o *yasht* se parece com os apocalipses judaicos tanto na forma quanto no conteúdo; a influência persa é possível, mas a dificuldade de datação do material persa deixa a discussão em aberto. De qualquer modo, a influência da interpretação de sonhos no Oriente Próximo e a possibilidade de fontes persas na literatura apocalíptica devem ser admitidas, o que não deixa de revelar, em qualquer caso, a considerável criatividade dos escritos apocalípticos.

Verifica-se uma espécie de “moldura” comum no Oriente Próximo, desde a Suméria do terceiro milênio até o Egito ptolemaico, da Mesopotâmia em direção ao Oeste, até a Grécia. A moldura consiste numa introdução acerca do sonhador, o local e outras circunstâncias importantes do sonho; após o conteúdo da visão, há uma parte final da moldura, a qual, além de descrever o final do sonho, frequentemente inclui uma seção que diz respeito à reação do sonhador, ou ao cumprimento real da predição ou promessa apregoada no sonho.

O mesmo ocorre no caso de sonhos do tipo *viagens a outro mundo*, somente incluindo, após as circunstâncias do sonho, a ascensão ou descida do visionário e, ao final, o seu retorno ao lugar de origem. Vale ressaltar que a moldura não é completa em todos os casos.

O sonho com viagem ao mundo dos mortos é atestado já no sonho de *Enkidu* do poema épico *Gilgamesh*<sup>380</sup>. Fora de relatos em sonho, há outros exemplos. Entre os babilônios, há as descidas ao mundo dos mortos atribuídas à deusa *Ishtar*<sup>381</sup>; entre os sumérios, há as descidas ao mundo dos mortos atribuídas à deusa *Inana*<sup>382</sup>. No mundo greco-romano, descidas ao mundo inferior são encontradas em Homero (*Odisséia*) e Virgílio (*Eneida*). No Novo Testamento, há a descida de Cristo ao mundo dos mortos (*II Pedro 3*). Entretanto, o melhor exemplo se dá entre os persas, no *Livro de Arda Viraf*, o qual é um apocalipse desenvolvido<sup>383</sup>; na forma atual, o livro é do IX século, mas o tema da ascensão é antigo na tradição persa.

Em relação ao conteúdo das revelações, também há paralelos antigos. As

<sup>380</sup> Cf. PRITCHARD, J. B. (Ed.). *ANET*, p. 47-50.

<sup>381</sup> *Ibidem*, p. 106-109.

<sup>382</sup> *Ibidem*, p. 52-57. A deusa que os sumérios conheciam por *Inana* era a mesma *Ishtar* acádia (cf. COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá*, p. 63). Entretanto, sabe-se que a deusa *Inana* era guerreira, ao passo que *Ishtar* (*Astarte*) era a deusa do amor, ou seja, a deusa da fecundidade no panteão mesopotâmico.

<sup>383</sup> Cf. COLLINS, J. J. *Daniel, with an introduction to apocalyptic literature*, p. 15.

*predições escatológicas* são já encontradas no chamado (erroneamente) “apocalipse de Isaías” (*Isaias* 24-27, que, apesar de ser uma das seções mais tardias do livro, é bem anterior ao período dos macabeus).

Outros exemplos são os presságios e agouros (comuns nas *predições escatológicas*), encontrados, por exemplo, no *Livro dos Jubileus* (II século a.C.), em 23,25 (“as cabeças das crianças serão brancas com cabelos grisalhos”) com paralelo em Hesíodo, nos *Erga*, 181: “quando nascerem já em sua plenitude, com fontes encanecidas”.<sup>384</sup>

O gênero apocalíptico compartilha, ainda, algumas características e motivações com os pseudo-epígrafos, os escritos de Qumran e os *Oráculos Sibílicos*<sup>385</sup>, os quais, levando-se em consideração tais semelhanças, também podem ser designados como literatura apocalíptica. Por vezes a apocalíptica transforma gêneros tradicionais em formas híbridas.

Dessa forma, vê-se que o gênero apocalíptico tem paralelos bem anteriores aos séculos III e II a.C. (épocas dos livros de *I Henoque* e de *Daniel*, respectivamente, sendo este último um desenvolvimento já maduro do gênero), a começar pelo Oriente Antigo, passando por Hesíodo e o profetismo judaico (especialmente o pós-exílio); a aproximação se dá nos motivos e nas características do gênero, cujo tema predominante é a escatologia apocalíptica, a qual se distingue da escatologia profética pela ênfase muito maior na consumação da história do que no curso desta.

### 2.3. As características dos escritos apocalípticos

Como já assinalamos, os escritos apocalípticos apresentam uma gama de características por vezes bastante variada. Klaus Koch identifica oito grupos de temas presentes nos escritos apocalípticos: uma insistente expectativa de iminente destruição de todas as condições terrestres num futuro imediato; o fim através de uma imensa catástrofe cósmica; a relação entre o tempo do fim e a história antecedente da humanidade e do cosmos; anjos e demônios; catástrofe seguida por

<sup>384</sup> Cf. análise nas p. 75-76 deste trabalho. O *Livro de Jubileus* 23, 25 relata: “As cabeças das crianças serão brancas com cabelos grisalhos, a criança de três semanas parecerá um ancião de cem anos, e sua estatura será aniquilada por tribulação e opressão” (cf. CHARLES, R. H. (Ed.). *APOT*, p. 49. v. 2. A versão espanhola está em MACHO, Alejandro Diez (Ed.). *Apócrifos del Antiguo Testamento*, p. 137. v. 2).

<sup>385</sup> Cf. a p. 177 deste trabalho.

salvação; a entronização de Deus e a vinda de seu reino; o aparecimento de um mediador com funções reais; e a glória da era que virá<sup>386</sup>. Ele acredita que “os oito grupos temáticos que escolhi podem ser indicados para ser distribuídos mais ou menos uniformemente por todos os diferentes apocalipses”<sup>387</sup>.

As características dos escritos apocalípticos devem ser analisadas e compreendidas à luz de seu contexto histórico e sua função (objetivo). Boa parte desses escritos, inclusive um dos maiores entre eles, o livro de *Daniel*, surgiu na época helenista. Essa época é marcada pelas conquistas de Alexandre, o Grande (336-323 a.C.), com sua política de dominação, e a de seus sucessores. Seu propósito era a fusão de duas civilizações, a Oriental e a Ocidental, através da cultura grega, da qual foi ele um dos principais propagadores<sup>388</sup>. O próprio nome “helenismo” é comumente aplicado à cultura e civilização gregas, ao conjunto de idéias e costumes que caracterizaram o mundo habitado, desde Alexandre até os tempos do Império Romano, ou seja, a partir do IV século a.C. até a Era Cristã. Barreiras de todos os tipos deixaram de existir (política, nacional e cultural), fazendo com que povos de ambientes totalmente diferentes fossem inseridos numa cultura que confrontou poderosamente suas crenças e instituições tradicionalmente estabelecidas.

Essas conquistas provocaram conflitos com a cultura judaica na Palestina, fato que caracterizou o chamado *período interbíblico*. “Entre os anos 170 a.C. e 70 d.C., o nacionalismo judeu teve intervalos nos quais sua ação mais importante consistiu em resistir às investidas do helenismo”<sup>389</sup>. Esse nacionalismo foi motivado tanto por pretensões políticas quanto por ideais religiosos; muitos judeus criam estar, dessa forma, trilhando um caminho que levaria os homens ao Reino de Deus, cuja vinda inauguraria uma nova era sob o domínio desse reino.

Mesmo com a política de tolerância dos Ptolomeus e Selêucidas, (sucessores imediatos de Alexandre), a qual permitia a coexistência de judaísmo e helenismo, a maior parte dos judeus, zelosos em manter vivas as tradições de Israel, enxergaram o helenismo como inimigo em potencial. Além disso, as promessas de Deus não haviam se concretizado. “A idade de ouro para a qual apontaram os profetas com tanta segurança tardava a vir e eis que agora essas vozes proféticas há muito tempo se tinham calado e estimava-se que jazia morta a própria profe-

<sup>386</sup> KOCH, Klaus. *The rediscovery of apocalyptic*, p. 28-33.

<sup>387</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>388</sup> RUSSELL, D. S. *Apocalyptic: ancient and modern*, p. 7.

<sup>389</sup> Idem. *El período intertestamentario*, p. 9.

cia<sup>390</sup>».

Assim, a contradição entre os eventos da história e a esperança do Reino de Deus pressionou os judeus. Não encontraram outra solução, a não ser a que apelava a Deus: “O próprio Deus haveria de intervir com seu julgamento e estabelecer seu governo messiânico uma vez por todas, um Reino em que seus inimigos seriam destruídos e Israel receberia o domínio e o poder para sempre. Foi essa a convicção e mensagem dos escritores apocalípticos”<sup>391</sup>.

David Syme Russell alista como características dos escritos apocalípticos, assinaladas pelos autores em geral, o transcendentalismo, a mitologia, a descrição cosmológica, a descrição histórica pessimista, o dualismo, a divisão do tempo em períodos, a doutrina das Duas Eras, a numerologia, o pseudo-êxtase, reivindicações artificiais de inspiração, pseudonímia, esoterismo e a unidade da história<sup>392</sup>.

Além dessas, ele acrescenta a concepção da história cósmica relativa a terra e céu, a idéia da originalidade das revelações desses escritos concernentes à criação e queda dos homens e dos anjos, a fonte do mal no universo e a parte desempenhada nele por influências angelicais, o conflito entre bem e mal (luz e trevas, Deus e Satanás), o surgimento de uma figura transcendental chamada “o Filho do Homem”, e o desenvolvimento da crença em vida após a morte em seus vários compartimentos (como Inferno, *Geena*, Paraíso e Céu), com a progressiva ênfase no aspecto individual da ressurreição e do juízo. Tais aspectos dariam, segundo ele, a impressão de pertencerem a um modo particular de pensamento e de crença<sup>393</sup>.

Com relação às características literárias dos escritos apocalípticos, sem levar em conta o conteúdo de sua mensagem, Russell distingue quatro, as quais, além de identificar o método adotado pelos apocalípticos, acentua a diferença de seus escritos para com os escritos proféticos. São elas: os escritos apocalípticos são de caráter esotérico, são formulados por escritos, possuem linguajar simbólico e são pseudonímicos na autoria<sup>394</sup>.

O caráter esotérico reside no fato de que os livros apocalípticos alegam ser revelações de segredos divinos feitas a certos indivíduos ilustres, os quais as re-

<sup>390</sup> Idem. *Desvelamento divino*, p. 37.

<sup>391</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>392</sup> Idem. *The method and message of Jewish apocalyptic*, p. 105.

<sup>393</sup> Ibidem.

<sup>394</sup> Ibidem, p. 107-139.

gistraram para instrução e encorajamento aos justos e eleitos entre o povo de Deus. Esses segredos normalmente são conhecidos através de um sonho ou visão em que um visionário é tomado e levado ao Céu ou ao Hades. A visão pode consistir de uma recapitulação da história do mundo até a época na qual o visionário e escritor está supostamente vivendo. Por vezes, um guia angelical explica ao visionário o significado dos acontecimentos no Céu e na Terra, incluindo o destino e julgamento do mundo, a vinda do Reino de Deus, o castigo dos maus e recompensa dos justos. Podemos verificar que são os *apocalipses de “viagens” a outro mundo*, conforme proposto por J. J. Collins.

Em três desses livros (*I Enoque*, *Livro dos Jubileus* e o *Testamento dos XII Patriarcas*) é feita referência a “tabuletas celestiais” nas quais estão registrados os segredos das Eras, sendo a uns poucos altamente privilegiados permitido ler e copiar em seus livros secretos. Esses livros secretos eram então finalmente revelados aos tementes a Deus, o que constituía um sinal de que o mundo estava se dirigindo para o seu fim, o qual estava próximo, trazendo com ele o cumprimento dos eternos propósitos de Deus.

Segundo Russell, os apocalípticos tinham certeza de pertencer a antigas tradições; podem ser detectadas nesses escritos duas ou talvez três principais linhas de tradição secreta acerca das crises da história do mundo, associadas ao nome de Enoque (com Noé), Moisés (com Esdras) e possivelmente com Daniel. À tradição de Enoque associam-se os livros de *I*, *II* e *III Enoque*, estando ela presente também no *Livro dos Jubileus*.

Os relatos dessa tradição remontam à crença de que os homens anteriores ao dilúvio eram homens superiores em sabedoria. Tais lendas encontram referência no *Gênesis* e em material mitológico de origem babilônica. De acordo com *Gênesis* 5, Enoque era o sétimo na linhagem de Adão. O sétimo na listagem dos reis babilônicos antediluvianos é *Enmenduranna*<sup>395</sup>, o qual foi rei em Sipar, a cidade sagrada do deus sol *Shamash*. Essa figura lendária é apresentada como fundador de uma corporação hereditária de sacerdotes divinos. Os deuses o convidavam para andar em sua companhia, contavam-lhe os mistérios do Céu e da Terra e o iniciavam na arte divina, a qual ele passou a seu filho e este às gerações seguintes. No *Gênesis*, a figura de Enoque é bem-vinda na presença de Deus (5,22) e sua

<sup>395</sup> Cf. PRITCHARD, J. B. (Ed.). *ANET*, p. 265.

vida é descrita como sendo de 365 anos (5,23), bem menor do que as dos demais patriarcas mencionados no mesmo capítulo; não pode ser considerado acidental o fato de os anos de sua vida corresponderem ao número de dias do ano solar (em referência ao deus sol).

Portanto, segundo Russell, é provável que a figura misteriosa de Enoque veio a se tornar conhecida nos círculos judaicos como equivalente do *Enmenduranna* babilônico, e sua iniciação nos mistérios do Céu e da Terra teria dado início à linha de tradição presente na literatura de Enoque.

Uma segunda linha de tradição é a relacionada ao nome de Moisés (juntamente com Esdras, o “segundo Moisés”). Essa tradição está representada no livro *Assunção de Moisés* (no qual Moisés entrega livros secretos a Josué para serem preservados e escondidos até o fim dos dias), no *Livro dos Jubileus* (no qual a narrativa é outorgada a uma tradição secreta revelada a Moisés no Sinai, a qual revela a ele todos os eventos da história, tanto do passado quanto do futuro), e no livro de *II Esdras* (no qual Esdras, o “segundo Moisés”, recebe os 24 livros da Escritura para divulgar e 70 livros da tradição apocalíptica para serem mantidos em segredo). É provável que tenha existido mais material relativo a essa tradição não disponível atualmente.

Uma terceira provável linha de tradição é associada ao nome de Daniel. Essa tradição tem menos evidência do que a de Enoque e a de Moisés; entretanto, há indicações de que o Daniel da apocalíptica judaica reflete um antigo herói cujo nome já era conhecido dos judeus há vários séculos e também em lendas estrangeiras. No livro de *Ezequiel* (14, 14.20 e 28,3) ele aparece sob a forma *Dan’el*, sendo associado a Noé e Jó em 14,14.20 como três heróis populares louvados no texto por sua justiça e poder de intercessão, e em 28,3 por sua sabedoria e conhecimento acerca das tradições secretas. Fora de Israel sua justiça e sabedoria são louvadas nos poemas de *Ras Shamra* (em tabletes encontrados no norte da Síria, em Ugarit, datados no XIV século a.C.), na legenda de *Aqatu*, onde é feita menção a um certo *Dan’el*, um homem justo que zelava pelos órfãos e pela viúvas na angústia deles<sup>396</sup>.

Não é certo que o *Dan’el* de *Ras Shamra* se refira ao de *Ezequiel*, nem que ambas as referências possam ser identificadas com o Daniel apocalíptico, mas a

---

<sup>396</sup> Ibidem, p. 149-155.

evidência torna essa identificação bastante plausível. É provável que o redator de *Daniel* conhecesse o livro de *Ezequiel*, como já conhecia na mesma época Ben Siraque (*Eclesiástico* 49, 6-7), o que também pode ser atestado quando se compara o oráculo de *Ezequiel* 31 com *Daniel* 4<sup>397</sup>.

Portanto, o redator de *Daniel* deve ter retirado o nome de seu herói da tradição do herói antigo, provavelmente a partir de *Ezequiel*; o fato de o antigo *Dan'el* ser renomado por sua justiça e sabedoria em revelar segredos e mistérios deu o recurso necessário para que o escritor adotasse seu nome. De fato, em *Daniel* 1,4 o herói do livro e seus três companheiros são descritos como “instruídos em toda sabedoria, conhecedores da ciência e sutis no entendimento”, além de instruídos na “escrita e língua dos caldeus”<sup>398</sup>. Como nas outras duas tradições, Daniel é orientado a manter segredo sobre as revelações (8,26; 12, 4 e 9), mantendo o livro lacrado até o tempo determinado; é a expressão do caráter esotérico presente também nesta tradição.

Esses três nomes não esgotam os pseudônimos usados nos apocalípticos, sendo apenas os principais; aparecem também, por exemplo, Abraão, os Patriarcas, Salomão, Isaías e Baruque.

A idéia dos possíveis ciclos de escritos formados por nomes de heróis lendários é compartilhada por outros estudiosos. Trebolle Barrera, por exemplo, afirma:

Possivelmente existissem ciclos de escritos apócrifos, cada um colocado sob a autoridade de um personagem bíblico ou neotestamentário como Daniel, Esdras, Maria, Pilatos, os apóstolos e outros personagens do cristianismo nascente. Estes ciclos estavam relacionados, quem sabe, com escolas, que seguiam um mestre e representavam uma linha determinada da tradição<sup>399</sup>.

A segunda característica literária desses escritos, segundo Russell, é o fato de os apocalipses transmitirem sua mensagem por escrito, diferentemente da tradição profética. Os profetas, em sua maior parte, declaram sua mensagem de forma oral, sendo redigida posteriormente por eles, seus discípulos ou, bem mais tarde, por editores. No período pós-exílico, a profecia passou a ser formulada na forma escrita, com o surgimento de muitos oráculos anônimos; entretanto, eram

<sup>397</sup> A grandeza do Faraó é descrita em *Ezequiel* por meio de uma parábola que evoca a grandeza do cedro do Líbano, mesmos termos utilizados para descrever a grandeza de Nabucodonosor em *Daniel* 4.

<sup>398</sup> Cf. a discussão detalhada nas p. 122-123 deste trabalho.

<sup>399</sup> BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia hebraica e a Bíblia cristã*, p. 285.

atribuídos às falas dos grandes profetas do passado, buscando a autoridade no “assim diz o Senhor” daqueles profetas. Os apocalípticos, ao contrário, asseguram que sua mensagem foi escrita em um passado distante, pois deveria ser preservada por várias gerações até o fim, o qual estava próximo.

A terceira característica é o linguajar simbólico. Para expressar cenas de altíssima dramaticidade, não seria eficiente utilizar o linguajar sóbrio da prosa comum; para tanto, os apocalipses utilizam um linguajar imaginativo, extravagante e exótico, com muitas figuras fantásticas e bizarras. Por vezes, as figuras são re-interpretadas, fazendo com que não haja garantia de mesmo significado de um livro para outro.

Com certeza, empréstimos foram feitos à mitologia babilônica, usando seus equivalentes judaicos, como a figura de *Tiamat*, reconhecida como *Dragão*, *Leviatã*, *Raab* ou *Serpente*, monstro primevo do Caos.

Assim, muitos símbolos nesses escritos têm origem mitológica; entretanto, às vezes são figuras que não têm origem mitológica, como o caso da visão dos quatro animais em *Daniel 7* (leão com asas de águia, urso com três costelas na boca, leopardo com quatro asas e quatro cabeças, e um grande animal com dez chifres e grandes dentes de ferro). Com certeza, esses símbolos eram parte de material tradicional cujo uso ajudava a manter o senso esotérico de segredo e mistério. Tal simbologia aparece também em relação aos números, como o 3, o 4, o 7, o 10, o 12 e o 70, ou múltiplos deles, ocorrendo constantemente através dos escritos apocalípticos.

A quarta característica literária é a autoria pseudonímica (no caso de *Daniel*, os seis primeiros capítulos são de autoria anônima; os demais pseudônimos). A maior parte dos autores apocalípticos lança suas profecias a um passado remoto e escrevem em nome de uma figura honrada, a qual teria recebido a revelação.

Segundo Russell, o método da pseudonímia não é exclusivo dos judeus; por exemplo, há entre os egípcios uma técnica similar presente já na XII dinastia. Provavelmente, era uma técnica bastante presente no Oriente e compartilhada por diferentes tradições literárias. Para Russell, entretanto, não se pode concluir que a apocalíptica judaica seja uma imitação dessa técnica; ao contrário, parece que entre os judeus explica-se melhor o fenômeno como uma forma de escrita da tradição judaica. O fenômeno aparece já em *Gênesis 49*, na “bênção de Jacó” dirigida a seus doze filhos, a qual provavelmente foi escrita no princípio do período mo-

nárquico, refletindo a situação histórica dessa época e levando o nome do Patriarca; o destino das tribos até a época monárquica é formulado em forma de predições retroativas à época de Jacó (*profecia ex-eventu*). O mesmo ocorre com muitos Salmos atribuídos a Davi e muitos provérbios creditados a Salomão. Uma diferença é que os apocalipses são reconhecidamente pseudônimos e usam o recurso das visões, sonhos e transes para enfatizar essa característica.

Muitas razões foram levantadas para a adoção da pseudonímia. Uma sugestão corrente é que a adoção da pseudonímia evitaria perigos da época de opressão do escritor, lançando a autoria de seus ensinamentos para um indivíduo do passado; entretanto, tal teoria não convence, pois o uso da anonimidade cumpriria esta finalidade. Outra idéia é que a adoção de uma figura notável do passado daria autoridade e aceitação ao escrito, uma vez que a Torah era, nessa época, a autoridade maior, o que fato dificultava a aceitação de revelações recentes. Outro fator é que duas partes (coletâneas) das Escrituras Judaicas já estavam cristalizadas por volta de 200 a.C.; somente entre os Hagiógrafos continuaram a ser admitidos livros até 100 a.C. No entanto, esses escritos teriam que remontar ao tempo do personagem Esdras para serem aceitos. O único apocalíptico que conseguiu admissão foi o livro de *Daniel*, entre os Hagiógrafos, talvez pela aceitação do mérito antigo de seu nome.

H. H. Rowley dá uma sugestão mais pragmática, explicando a origem da pseudonímia pelo livro de *Daniel*<sup>400</sup>. O escritor desse livro teria publicado histórias sobre Daniel anonimamente; quando escreveu as visões da segunda parte, o fez em nome de Daniel para simplesmente estabelecer sua identidade com o escritor da primeira parte do livro (as histórias dos capítulos 1 a 6). Assim, a pseudonímia não foi feita com uma intenção consciente, mas como uma técnica literária que foi copiada pelos outros escritores. Entretanto, ao que se consta, a pseudonímia não parece ter sido um simples recurso literário; a maior parte dos escritos apocalípticos parece ter sido aceita pelos leitores como revelação genuína, e a mesma convicção parece estar firmemente alicerçada na mente dos escritores.

Russell traz uma suposição mais voltada ao aspecto psicológico<sup>401</sup>. Para ele, os escritores apocalípticos tinham consciência de que estavam, de certa forma, substituindo os antigos profetas. O uso do nome próprio na cultura hebraica deve

<sup>400</sup> ROWLEY, H. H. *A importância da literatura apocalíptica*, p. 39-40.

<sup>401</sup> RUSSELL, D. S. *The method and message of Jewish apocalyptic*, p. 127-139.

ser levado em consideração; o nome não é apenas uma designação oral ou escrita, mas a extensão da própria personalidade, indicando a essência do ser, sua vida, o próprio ser<sup>402</sup>. Assim, os próprios escritores acreditavam ter afinidade com os visionários antigos em nome dos quais eles escreviam e na linha de tradição na qual estavam inseridos. Assumindo seu nome, o escritor poderia estar compartilhando seu autêntico caráter.

O próprio Russell reconheceu que não há provas disso nos escritos<sup>403</sup>, mas há indicações em muitos livros apocalípticos de que a escolha do pseudônimo não foi totalmente arbitrária, mas em consonância com a perspectiva do escritor, ou seja, freqüentemente existe uma conexão entre o pseudônimo escolhido e os problemas que ocupavam a mente do escritor.

Além do uso específico do nome na cultura hebraica, Russell emprega ainda duas noções para defender seu argumento: a de “personalidade corporativa”, ou seja, o grupo engloba a todos os indivíduos que a ele pertencem, de tal forma que existe uma “identidade” entre o indivíduo e os membros desse grupo, e a da “contemporaneidade”, ou seja, dois eventos separados podem ser equiparados e vistos como um só por causa da semelhança em seu “conteúdo psicológico”<sup>404</sup>.

Essa idéia da “união quase mística” entre o escritor apocalíptico e o nome da tradição na qual está inserido recebeu muitas críticas, sendo até mesmo desacreditada pelos estudiosos em geral. De fato, elas vão além do que dizem os escritos. O próprio Russell reconheceu sua fragilidade posteriormente<sup>405</sup>. Mas continuou asseverando, mesmo sem o recurso às duas noções anteriores, que a pseudonímia não era um simples recurso literário, e que ela não se deu por acaso. Seria um recurso usado pelos escritores apocalípticos para mostrar que a revelação que receberam, em última instância, não era sua; tinha sido recebida de tempos antigos, através de alguém que exemplificava, em sua própria pessoa reverenciada, toda uma tradição viva. Os apocalípticos eram, então, herdeiros e não originadores de uma revelação secreta que divulgavam agora, pela primeira vez, em seus livros<sup>406</sup>.

J. J. Collins compartilha da opinião de que o pseudônimo não era escolhido simplesmente ao acaso:

---

<sup>402</sup> Ibidem, p. 137.

<sup>403</sup> Ibidem, p. 138.

<sup>404</sup> Ibidem, p. 132-137.

<sup>405</sup> Idem. *Desvelamento divino*, p. 97.

<sup>406</sup> Ibidem, p. 99-100.

Parece claro que os escritores apocalípticos sentiam que podiam atribuir com validade suas visões aos seus autores pseudônimos, e que a atribuição era apropriada e legitimada. (...) Devemos admitir que o autor pseudônimo era deliberadamente escolhido porque era particularmente apropriado para o propósito do autor real. Seu nome deveria ser acrescido para eficácia da obra, não apenas pela sua autoridade, mas também pelos valores e idéias associados com ele<sup>407</sup>.

Assim sendo, podemos concluir que o escritor-redator de *Daniel*, por exemplo, partilhava com o herói legendário (provavelmente conhecido no exílio babilônico) circunstâncias semelhantes e papel análogo enquanto “homem sábio”.

Enfim, como se pode observar, as características da literatura apocalíptica são muitas e variadas, sendo algumas mais notórias e tantas outras menos importantes. Poderíamos sintetizá-las da seguinte forma<sup>408</sup>: o escritor apocalíptico escolhe um grande personagem do passado e faz dele o herói do livro, utilizando, para tanto, a pseudonímia; muitas vezes, esse herói faz uma viagem com um guia celestial, o qual lhe mostra vistas interessantes e as comenta; freqüentemente a comunicação é feita por meio de visões, as quais possuem caráter esotérico (o visionário deve manter segredo até os últimos dias, os quais normalmente são a época do escritor do livro) e também linguajar com simbolismo enigmático.

Além disso, quase sempre as visões são pessimistas em relação à possibilidade de que a intervenção humana modifique a situação presente (os apocalípticos enfrentavam tempos de crise política, religiosa ou cultural); a impossibilidade de mudança por parte do ser humano leva à perspectiva escatológica no fim da visão, com a intervenção divina proporcionando um final cataclísmico ao presente estado de coisas, estabelecendo uma situação melhor com o triunfo do Reino de Deus (como, por exemplo, em *Daniel 2*, 44). Para isso, a perspectiva histórica dos apocalípticos é baseada no determinismo: acreditam que a história está pré-ordenada por Deus para servir aos seus propósitos (a história é, então, esquematizada em períodos, como acontece em *Daniel 2*); é freqüente também o escritor tomar história passada e reescrevê-la como se fosse profecia (*profecia ex-eventu*).

No embate com o presente estado de coisas, utiliza o dualismo (contrastando o presente mau e injusto com o futuro glorioso e justo); assim, seu ensinamento ético tem como foco o consolo e o sustento do “remanescente justo” da tradição profética. Por fim, seu meio de transmissão da mensagem era, em geral, a

<sup>407</sup> COLLINS, J. J. *The apocalyptic vision of the book of Daniel*, p. 72.

<sup>408</sup> MORRIS, Leon. *Apocalyptic*, p. 34-67.

forma escrita.

## 2.4. As raízes da apocalíptica: sua sociologia e relação com outros segmentos do judaísmo

### 2.4.1. As influências estrangeiras na apocalíptica judaica

Já vimos que a época helenística foi marcada pelo objetivo de fusão entre Oriente e Ocidente, por parte de Alexandre, o Grande, e de seus sucessores, com o avanço do helenismo, o que provocou conflitos com a cultura judaica na Palestina.

Religiosamente, entretanto, o helenismo possuía um culto muito mais oriental que helenizado, um culto “muito outro do que o culto grego, no qual Baal-samin era equiparado a Zeus; Alat, a Atena; Dusara, a Dioniso. Esta fusão do helenismo com o orientalismo era característica da política da Macedônia”<sup>409</sup>. Segundo Heródoto, os próprios gregos, num período mais antigo, já haviam recebido influência da religião egípcia: “Quase todos os nomes dos deuses passaram do Egito para a Grécia. Não resta dúvida de que eles nos vieram dos bárbaros. As perquirições que realizei em torno de suas origens convenceram-me de que assim foi”<sup>410</sup>.

Assim, a influência helênica representa, no fundo, um sincretismo envolvendo as crenças de muitas religiões orientais antigas, ou seja, sob essa superfície helênica sincretista as religiões antigas da Babilônia e da Pérsia continuavam exercendo forte influência. Conforme já foi assinalado acima, Alexandre havia conquistado o Império Persa (o qual, por sua vez, havia conquistado o Império Babilônico); em seguida, caminhou para a Índia, tentando fazer uma ponte entre Ocidente e Oriente. Dessa forma, no processo de conquista se incorporaram muitas crenças e costumes.

No caso da Palestina, a vertente síria do helenismo, o Zoroastrismo do antigo Império Persa estava muito presente nas concepções religiosas, como, por exemplo, no *dualismo*, no qual se via uma luta eterna entre os poderes da luz (representados pelo espírito do bem *Ahura Mazda*) e os poderes das trevas (representados pelo espírito do mal *Angra Mainyu*). Tal princípio dualista se manifesta na

<sup>409</sup> ROWLEY, H. H. *A importância da literatura apocalíptica*, p. 49.

<sup>410</sup> Cf. HERÓDOTO, *História*, Livro II, 50. Tradução de J. Brito Broca, p. 218.

*doutrina das duas eras*, uma era presente (de impiedade) que se opõe a uma era futura (de justiça); ao fim, através da obra de um mediador (*Saoshyant*), Ahura Mazda lança Angra Mainyu no abismo, vindo em seguida o fim do mundo, com a ressurreição dos mortos e o juízo. Inicia-se então a nova era em uma nova Terra.

Vê-se nos ensinamentos do Zoroastrismo a adaptação de doutrinas babilônicas: o Império Persa havia sucedido o Babilônico, e nesse processo de sucessão se incorporaram muitas crenças e costumes, adotando-se inclusive o aramaico como língua oficial do governo<sup>411</sup>. Dessa forma, certamente muitos judeus estavam em contato com o pensamento e a cultura persa-babilônica.

Outra forma de contato se deu pelo fato de que desde o cativeiro na Babilônia os judeus já haviam vivido ao lado dos persas na Mesopotâmia. Além disso, ocorreu que:

De vez em quando aqueles judeus babilônicos voltavam à Palestina trazendo com eles os aspectos do pensamento persa que mais lhes simpatizavam, principalmente os que não eram incompatíveis necessariamente com sua religião hebréia. Sem dúvida, muitos eram atraídos para a Palestina no tempo dos Macabeus e seus sucessores, quando um forte estado judeu estava em processo de formação<sup>412</sup>.

Certamente, então, a influência da cultura persa-babilônica se fará sentir nos escritos apocalípticos judaicos desse período.

A divisão da história em períodos de tempo predeterminados por Deus é uma outra característica apocalíptica que têm influência do zoroastrismo. Neste mundo duraria doze mil anos, divididos em quatro épocas de três mil cada uma. Na primeira, tudo era invisível (tal idéia aparece em *II Enoque* 24,4)<sup>413</sup>; na segunda, Ahura Mazda criou o mundo material e o homem; na terceira, Angra Mainyu, o grande espírito do mal, domina o bem; na quarta, os homens aos poucos vão se tornando perfeitos através da obra de Saoshyant, o salvador<sup>414</sup>. Os escritores apocalípticos adotaram esse determinismo da história universal e o usaram para tornar mais compreensiva a idéia que haviam recebido dos profetas acerca de uma uni-

<sup>411</sup> RUSSEL, D. S. *El periodo intertestamentario*, p. 17.

<sup>412</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>413</sup> Relata o texto: “Pois, antes de qualquer coisa visível existir, eu, o único, costumava circular entre as coisas invisíveis, como o sol do oriente para o ocidente, e do ocidente para o oriente” (cf. CHARLESWORTH, James H. (Ed.). *The Old Testament pseudepigrapha*, p. 142. A versão em espanhol está em MACHO, Alejandro Diez (Ed.). *Apócrifos del Antiguo Testamento*, p. 281. v. 4).

<sup>414</sup> RUSSEL, D. S. *Op. cit.*, p. 105. Foi feita, mais tarde, uma revisão desse esquema pelos sacerdotes zoroastrianos, a qual mantém a característica da divisão histórica nos mesmos moldes da antiga (cf. COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá*, p. 141-143).

dade da história efetuada pelo propósito infalível do Deus Onipotente<sup>415</sup>.

Essa “filosofia da história universal” aparece, por exemplo, no livro de *Daniel*. Nas visões dos capítulos 2, 7 e 8 o escritor vê a queda dos grandes impérios da Babilônia, Média, Pérsia e Grécia<sup>416</sup>. Esses grandes reinos são mostrados como fases de um processo da história cujo final é o Reino de Deus. Assim:

O apocalipsismo adotou inicialmente toda espécie de material sobre eras e reinos mundiais a cursar na sua época, talvez também todo tipo de material de símbolos referentes a fenômenos e poderes históricos. Entretanto, esvaziou esse material, privando-o de seu conteúdo original e de seu peso próprio, ao utilizá-lo apenas para ilustrar o colorido e a inconstância da história do mundo<sup>417</sup>.

A extensão e os meios específicos da influência persa entre os judeus é um ponto debatido entre os estudiosos do assunto. Entretanto, “dificilmente pode ser negado que doutrinas apocalípticas como, por exemplo, as concernentes a temas tais como ‘as duas eras’, o determinismo dos eventos históricos, angelologia e demonologia, a noção de juízo final e idéias escatológicas geralmente devem muito a essa fonte”<sup>418</sup>.

Fica evidente, pois, que a influência estrangeira contribuiu de forma relevante para a formação da apocalíptica judaica.

#### 2.4.2. A relação da apocalíptica com o profetismo

Por muito tempo a apocalíptica foi vista como uma literatura e forma de pensar completamente separada do profetismo, da escatologia e da literatura sapiencial. Russell foi um dos primeiros a descrever a apocalíptica tendo como raiz principal o profetismo. Deste a apocalíptica teria se nutrido e capacitado para chegar à plena forma em torno dos inícios do segundo século a.C. Segundo ele, a apocalíptica reinterpretou as antigas profecias, adaptando-as para sua finalidade, e foi influenciada por elas no linguajar simbólico e no pensamento, às vezes até mesmo de forma inconsciente<sup>419</sup>. Assim, “os escritores apocalípticos eram essencialmente estudantes da profecia, que acreditavam que tinham sido levantados por

<sup>415</sup> RUSSEL, D. S. *El período intertestamentario*, p. 106.

<sup>416</sup> Para uma análise abrangente e detalhada da questão da historicidade desses reinos no livro de *Daniel*, cf. ROWLEY, H. H. *Darius the Mede and the four world empires in the book of Daniel*, p. 61-173.

<sup>417</sup> NOTH, Martin. A concepção de história no apocalipsismo do Antigo Testamento. In: *Apocalipsismo*, p. 98.

<sup>418</sup> RUSSELL, D. S. *The method and message of Jewish apocalyptic*, p. 19.

<sup>419</sup> *Ibidem*, p. 178-202.

deus para fazer conhecido o significado dela a seus contemporâneos”<sup>420</sup>.

Antes dele, H. H. Rowley já havia percebido a influência do profetismo na apocalíptica: “Proclamava-se, para um futuro bem distante, o dia do livramento divino e uma idade áurea, o que sustentava a mensagem dos profetas e se constituía numa das fontes da literatura apocalíptica”<sup>421</sup>. Apesar disso, ele viu diferenças; os livros proféticos são formados grandemente de breves oráculos, muitas vezes em forma poética, ao passo que os apocalipses são escritos, quase sempre, em prosa e com longa extensão; os apocalipses têm comumente caráter esotérico (a mensagem deve manter algum conhecimento em segredo), ao passo que a profecia não<sup>422</sup>. Ambos, entretanto, refletem a situação histórico-política de suas respectivas épocas.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a escola britânica (da qual Russell e Rowley são dois dos principais representantes) foi grandemente influenciada no século passado pelos estudos de R. H. Charles (erudito do final do século XIX e início do XX). Charles descreveu a origem da apocalíptica principalmente em função da profecia vétero-testamentária. Apesar de a profecia ser considerada, de fato, a principal fonte da literatura apocalíptica também por outras escolas, a assimilação exagerada da profecia na apocalíptica pode levar a perder de vista os componentes mitológicos e cosmológicos estrangeiros presentes nessa literatura<sup>423</sup>. De qualquer forma, apesar de fundamentarem a apocalíptica a partir da profecia, Russel e Rowley também admitiram a influência estrangeira na apocalíptica.

Posteriormente, a apocalíptica foi vista excessivamente como fruto de influência estrangeira aos judeus. Martin Rist chegou a afirmar acerca do apocalipsismo: “um tipo de pensamento religioso que aparentemente originou-se no Zoroastrianismo, a antiga religião persa; foi adotado pelo judaísmo nos períodos exílico e pós-exílico, e mediado pelo judaísmo ao cristianismo primitivo”<sup>424</sup>.

Assim, após uma fase intensa de estudos nos quais se confirmaram as influências estrangeiras (principalmente iranianas) na apocalíptica judaica (especi-

<sup>420</sup> Ibidem, p. 181.

<sup>421</sup> ROWLEY, H. H. *A importância da literatura apocalíptica*, p. 23.

<sup>422</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>423</sup> COLLINS, J. J. *The apocalyptic imagination*, p. 15.

<sup>424</sup> RIST, Martin. Apocalypticism. In: BUTTRICK, George Arthur (Ed.). *IDB*, p. 157. v. 1.

almente no período helenista)<sup>425</sup>, os estudiosos voltaram sua atenção novamente às raízes mais antigas da apocalíptica.

Paul D. Hanson fez uma reavaliação da apocalíptica e foi buscar a origem dela muito antes do livro de *Daniel*<sup>426</sup>. Para ele, a apocalíptica tem sua raiz na tradição profética antiga, incluindo em seus estudos o *cântico de Miriam* (*Êxodo* 15), *Jeremias*, *Ezequiel*, *Zacarias* (9 e 14) e, principalmente, o *Dêutero* e o *Trito-Isaias* (*Isaias* 40-66) e também o incorretamente chamado “Apocalipse de Isaias” (*Isaias* 24-27, de fins do século VI e início do V século a.C.). Posteriormente, Hanson centrou seus estudos na primeira fase do pós-exílio e incluiu os primeiros capítulos do livro de *Zacarias*.

Para ele, a origem da apocalíptica se dá a partir da escatologia profética. Hanson acredita que, ao se colocar o início da apocalíptica em *Daniel*, as conexões entre o profetismo e a apocalíptica foram mal interpretadas, colocando-se exagerada ênfase nos elementos que fariam diferença entre profetismo e apocalíptica. Além disso, esses elementos foram procurados exageradamente em religiões estranhas ao judaísmo no período helenístico. Em verdade, a apocalíptica teria surgido em meio a atribuladas circunstâncias da comunidade judaica no período pré-exílico, “pois lá é que se pode perceber a escatologia profética sendo transformada em apocalíptica, assim sugerindo onde se deve iniciar o estudo da natureza e das origens da apocalíptica judaica”<sup>427</sup>.

Ressalta-se ainda que a própria profecia surgiu num ambiente religioso mítico, com a atividade divina situada num plano cósmico, sendo a esfera mundana considerada somente reflexão do drama dos deuses. Assim, segundo Hanson, as influências que fizeram surgir a literatura apocalíptica judaica se devem, primeiramente, a uma renovação com maior intensidade de material mítico enraizado em solo israelita muito antes do período helenístico, o qual Russel já havia apontado anteriormente, como já assinalamos. Daí a necessidade de análise de textos da literatura profética mais antigos.

Hanson também aponta diferenças: no profetismo clássico, a história humana era a esfera para a relação de alianças de YHWH com seu povo, não estando presa a uma pré-determinação em direção a um final (o povo podia se arrepender

<sup>425</sup> Cf. principalmente FROST, S. B. *Old Testament apocalyptic*, p. 19 passim.

<sup>426</sup> HANSON, Paul D. Apocalíptica no Antigo Testamento: um reexame. In: *Apocalipsismo*, p. 35-60.

<sup>427</sup> *Ibidem*, p. 38.

e YHWH mudar seus planos, tudo com intuito de realizar as promessas da aliança); na apocalíptica, a história é usada como uma espécie de calendário que aponta para o fim, quando o poder do mal que aprisiona os eleitos será quebrado (*dualismo*); além disso, a apocalíptica usa muito mais a *profecia ex-eventu* para firmar a credibilidade do vidente.

O profetismo possui a tensão de relacionar expressamente a esfera divina com a humana, ausente no caráter esotérico do apocalipsismo; assim, os papéis do profeta e do vidente apocalíptico possuem uma diferença clara: o profeta é um porta-voz de YHWH com responsabilidade de transmitir a mensagem ao seu povo no âmbito terreno, ao passo que o apocalíptico deixa a visão em nível cósmico.

Para Hanson, a visão pessimista do apocalíptico em relação ao presente é um desenvolvimento do pensamento profético em cada vez menos enfatizar a relação de aliança com YHWH em detrimento do juízo iminente visto como catástrofe inevitável, apontando para um novo começo radical como única forma de restabelecer a aliança. Assim, “a escatologia profética se transforma em apocalíptica no momento em que se renuncia à tarefa de traduzir a visão cósmica para as categorias da realidade do mundo”<sup>428</sup>, o que se verifica já no *Dêutero-Isaiás*.

Em *Zacarias* 14 (composição do V século a.C.) já se manifestam algumas das características essenciais do apocalipsismo plenamente desenvolvidas: o dualismo, a divisão da história em eras, e a descrição exuberante de distúrbios e catástrofes na natureza acompanhando a teofania e o juízo final de Javé.

Dessa forma, Hanson chega ao livro de *Daniel* não como sendo apenas um fenômeno do século II a.C. desprovido de conexão com o profetismo clássico e muito ligado ao dualismo persa, mas como sendo “apenas uma estação ao longo de um processo contínuo que se estende desde o profetismo pré-exílico até à apocalíptica plena, estando, isto sim, muito em casa em solo judaico, e revelando empréstimos estrangeiros apenas como enfeites periféricos”<sup>429</sup>.

Na mesma linha de pensamento de Hanson está Otto Plöger<sup>430</sup>, o qual também atribui as origens da apocalíptica às esperanças da profecia escatológica do V século a.C., chegando a sua plena forma em *Daniel* no II século, depois de passar por *Isaiás* 24-27, *Zacarias* 12-14 e *Joel* 3-4.

<sup>428</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>429</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>430</sup> PLÖGER, Otto. *Theocracy and eschatology*, p. 26-105.

Uma outra linha de pensamento acerca da origem da apocalíptica foi postulada por outros autores, o mais conhecido deles Gerhard von Rad, o que veremos a seguir.

### 2.4.3. Apocalíptica e sabedoria

Gerhard von Rad é o principal expoente de um grupo de estudiosos que possui uma posição distinta em relação à postura assumida pela maioria dos críticos: vê a origem da apocalíptica na literatura sapiencial<sup>431</sup>: “O apocalipse parece ter suas origens principalmente nas tradições sapienciais”<sup>432</sup>. Ele parte de uma abordagem histórico-traditiva na elaboração de seus argumentos. Se o apocalipse é o prolongamento da profecia, é de se estranhar que ele não se ligue aos grandes nomes do profetismo, mas somente aos antepassados da sabedoria: Daniel, Enoque, Esdras e outros. Um dos livros apocalípticos mais importantes, *I Enoque* (37 a 71), define a si mesmo como um “discurso de sabedoria”<sup>433</sup>, dividido em duas partes sob o título de מִשְׁלָּ (‘‘adágio’’, ‘‘provérbio’’), antigo termo técnico de ensino sapiencial.

A paixão pelo conhecimento, especialmente aplicada ao domínio da natureza e do cosmos (mudanças das estações, movimento dos corpos celestes, interesses geográficos e meteorológicos) são temas eminentemente sapienciais. Os apocalipses compartilham a convicção sapiencial antiga pela qual a ordem do mundo não pode ser compreendida pela razão lógica. Além disso, o pré-determinismo da história, segundo o qual esta é dividida por Deus em períodos que conduzem ao estabelecimento de uma nova Era, é estranho ao profetismo, que via a história como a arena em que Deus se deu a conhecer pelos seus atos salvíficos.

No livro de *Daniel*, por exemplo, no que concerne à parte histórica de duas grandes visões (a da *estátua compósita*, no capítulo 2, e a *dos quatro animais*, no capítulo 7), a história de Israel nem é mencionada (apesar de ser em outras vi-

<sup>431</sup> VON RAD, Gerhard. Daniel e o apocalipse. In: \_\_\_\_\_. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 296-317. v. 2.

<sup>432</sup> Ibidem, p. 297.

<sup>433</sup> *I Enoque* 37,2 relata: “Este é o início das palavras de sabedoria as quais eu desejo transmitir em alta voz, dizendo àqueles que habitam na terra: ‘Escutai, vós Patriarcas, e olhai vós, os descendentes, as palavras do Único Santo, as quais eu ensino diante do Senhor dos Espíritos’” (cf. CHARLESWORTH, James H. (Ed.). *The Old Testament pseudepigrapha*, p. 29-30. v. 1).

sões); nelas, a história é vista através dos impérios do mundo. O próprio “Filho do Homem” não vem de Israel, mas “desce das nuvens”, fazendo da salvação um ato escatológico e futuro. Essa pré-determinação histórica e a interpretação desta por meio de sonhos e visões é função do “homem sábio”. Segundo Von Rad, “a compreensão dos tempos, a interpretação dos oráculos e dos sinais, assim como a decifração dos sonhos reais eram, na realidade, função dos sábios em toda a história espiritual do antigo Oriente”<sup>434</sup>. A interpretação dos sonhos já era considerada uma “ciência empírica” pelos antigos egípcios, e a idéia da pré-determinação é uma noção essencial da antiga sabedoria oriental. Essa determinação dos tempos encontra eco na literatura sapiencial do AT em *Eclesiastes* (3, 1ss) e no *Sirácida* (4, 20; 20, 6ss; 27, 12); segundo este, Deus já determinou o bem e o mal “desde o começo” (*Sirácida* 39, 25).

Von Rad compara ainda a interpretação do sonho dada por Daniel com a de José em *Gênesis* 41, verificando que possuem mais pontos em comum do que diferenças; entre outras coisas, observa também que na narrativa de José o intérprete carismático já propõe um esquema periódico da história (divisão em tempo de salvação e tempo de desgraça).

O próprio gênero apocalíptico não representaria um “gênero” particular do ponto de vista literário. Pela *história das formas* ele é, na verdade, um *mixtum compositum* que leva a uma pré-história muito complexa do ponto de vista da história das tradições<sup>435</sup>.

Von Rad aceita que a literatura apocalíptica recebeu influências estrangeiras, especialmente a iraniana; mas assevera que essa influência já estaria presente na sabedoria israelita desde a época de Salomão, sendo mais acentuada no Império Persa, principalmente em relação às idéias cosmológicas de caráter claramente escatológico. Para ele, o esquema da sucessão de impérios presente no segundo capítulo do livro de *Daniel* já devia existir no VI século a.C..

A posição de Von Rad não é aceita por muitos estudiosos. Na opinião de D. S. Russell, o tema da escatologia, tão destacado nos profetas e nos apocalípticos, está ausente da tradição sapiencial; além disso, não há realmente nada na literatura sapiencial que corresponda ao determinismo exacerbado da apocalíptica.

<sup>434</sup> VON RAD, Gerhard. Daniel e o apocalipse. In: \_\_\_\_\_. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 304.

<sup>435</sup> *Ibidem*, p. 455, nota 454.

Conclui que há muito mais semelhança da apocalíptica com a profecia do que com a sabedoria, e que os próprios apocalípticos reconheciam que a interpretação do profetismo era a principal função de sua mensagem<sup>436</sup>.

Peter von der Osten-Sacken também rebate a postura de Von Rad<sup>437</sup>. Assevera que, já que Von Rad utiliza o método da história da tradição, deveria começar sua análise não pela totalidade dos escritos apocalípticos, mas sim a partir do livro de *Daniel*, o qual, na opinião de Osten-Sacken, seria o apocalipse mais antigo conservado<sup>438</sup>. Quando se procura a origem do apocalipse nos demais documentos posteriores, estes podem conter material que não esteve, a princípio, à disposição do apocalipsismo; “este material pode levar muito facilmente a uma pista errada”<sup>439</sup>.

Para este estudioso, Von Rad chega a conclusões equivocadas por partir de um ponto metodologicamente equivocado. A maioria das idéias apocalípticas que Von Rad ancora na sabedoria são comprovadas por obras secundárias em relação a *Daniel*. Osten-Sacken, como Von Rad, também vai buscar referência no segundo capítulo de *Daniel*, mas em relação ao *Dêutero-Isaias*. Nesse particular, ele se aproxima de Hanson.

Com relação à tese de Von Rad de que a característica apocalíptica da determinação esquemática da história está já presente no *Eclesiastes*, assevera que em lugar algum da literatura sapiencial os enunciados deterministas (inclusive os do *Pregador*) se referem à história como um todo político a movimentar as nações levando-as a um fim no qual tudo se consumará, como ocorre na apocalíptica; dizem respeito apenas ao indivíduo e ao processo natural, situando a pessoa humana como parte da Criação, contrapondo Criador onipotente e criatura impotente.

Osten-Sacken aceita que o apocalipsismo recebeu cunho sapiencial em fase relativamente tardia. Conclui que “o apocalipsismo é filho legítimo, se bem que tardio e muito peculiar, do profetismo, e mesmo que já demonstrasse erudição em sua juventude, apenas com o avanço da idade abriu as partes à sabedoria<sup>440</sup>”.

John Joseph Collins também se opõe à posição de Von Rad: “É importante, entretanto, que a sabedoria de Daniel é uma sabedoria profética, interessada em

<sup>436</sup> RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino*, p. 44.

<sup>437</sup> OSTEN-SACKEN, Peter von. O apocalipsismo em sua relação com o profetismo e a sabedoria. In: *Apocalipsismo*, p. 121-170.

<sup>438</sup> Cf., entretanto, a p. 100 deste trabalho.

<sup>439</sup> OSTEN-SACKEN, Peter von. Op. cit., p. 123.

<sup>440</sup> *Ibidem*, p. 170.

sonhos e mistérios, e não uma sabedoria proverbial, a qual dá pouca importância a tal fenômeno obscuro”<sup>441</sup>. Ele considera o precedente bíblico da história de José como sendo também sabedoria profética, mas chama a atenção para o contexto de *Daniel*: o interesse babilônico na interpretação de sonhos, o qual os judeus confrontaram na Diáspora oriental<sup>442</sup>.

Vê-se que Von Rad foi muito contestado justamente por, logo de início, negar uma proposição (relacionamento direto entre apocalíptica e profecia) que era considerada pacífica pelos estudiosos, relação essa que, após as refutações à tese de Von Rad, acabou saindo ainda mais fortalecida. Entretanto, a contribuição de Von Rad não deixa de ser oportuna: fica evidente que há uma relação próxima entre sabedoria e apocalíptica, pelo menos em alguns escritos.

Na concepção de história, por exemplo, constata-se uma aproximação da apocalíptica com a sabedoria maior, com certeza, do que com o profetismo<sup>443</sup>. Neste, o livro de *Jonas* é um exemplo de que o profeta está sempre na expectativa de novas decisões de Deus a serem tomadas no âmbito da história; a própria irrupção da palavra é, para ele, algo inesperado. Já na sabedoria encontramos a concepção de tempo como algo pré-determinado, especialmente em textos tardios como o *Eclesiastes* e o *Eclesiástico* (*Eclesiastes* 3, 1-15; *Eclesiástico* 33, 7-15; 39, 16-35). Ao mesmo tempo, percebemos o sábio consciente dos limites de suas afirmações, devido ao problema da liberdade do homem; daí outros textos sapienciais afirmarem o não-determinismo da história e enfatizarem a responsabilidade do homem, como *Eclesiástico* 15, 11-20.

Enfim, “a concepção da história constitui o tema essencial, no qual se distinguem profundamente profetas e apocalípticos”<sup>444</sup>. O determinismo apocalíptico se encontra ausente no profetismo. Já as discussões sobre a relação entre apocalíptica e sabedoria foram e ainda são abundantes.

<sup>441</sup> COLLINS, J. J. *The apocalyptic imagination*, p. 92.

<sup>442</sup> J. J. Collins chama a atenção também para o fato relevante de que a história de José também é situada num lugar de exílio: o Egito (assim como a dominação estrangeira no marco social de *Daniel*); *ibidem*.

<sup>443</sup> ASURMENDI, Jesús M. Daniel e a apocalíptica. In: CARO, José M. Sánchez (Ed.). *História, narrativa, apocalíptica*, p. 451-453.

<sup>444</sup> *Ibidem*, p. 451.

#### 2.4.4. A apocalíptica e os grupos religiosos do judaísmo

Além da relação com o profetismo e a sabedoria, foram feitas também tentativas de identificação dos escritores apocalípticos com partidos (grupos específicos) que emergiram em solo judaico bem cedo no período intertestamentário. Assim, verificou-se a ligação da apocalíptica com os essênios (os Manuscritos de Qumran apresentam esperanças e expectativas a exemplo dos apocalípticos), com os fariseus e com os zelotes. Identificou-se também o escritor de *Daniel* como pertencente ao grupo de homens chamados *asideus* (em grego) ou *hasídîm* (em hebraico), homens piedosos, os quais são considerados os precursores dos fariseus e dos essênios.

Os *hasídîm* são citados em *I Macabeus* (2, 4; 7, 12-13) e *II Macabeus* (14, 6), assim como provavelmente no *Livro dos Jubileus* 23, 16 e *I Enoque* 90, 9-11. Em *I Macabeus* 7,12 eles são citados ao lado dos “escribas”, podendo ter identificação com estes; o redator de *Daniel*, com sua ênfase na sabedoria e nos ritos sacerdotais, poderia ter pertencido a este grupo. Entretanto, *Daniel* 11, 33-35 e 12, 3.10 fazem referência aos *maskîlîm* (“os que são sábios”), cuja incumbência é instruir os *rabbîm* (“os muitos”) para serem sábios; fica difícil associar a conhecida imagem quietista desses *maskîlîm* com a dos *hasídîm* apresentados como “poderosos guerreiros de Israel” nos livros dos Macabeus (*I Macabeus* 2, 42; 7, 13; *II Macabeus* 14, 6-7).

Uma proposta para conciliação seria considerar que eles “começaram como quietistas (cf. *I Mc* 2, 29-38), mas se viram forçados a mudar de posição e juntar-se à rebelião contra Antíoco em consequência da grande perseguição promovida por este”<sup>445</sup>. De qualquer forma, os *hasídîm* podem ser associados a poucos livros apocalípticos.

Enfim, sabe-se que a maior parte da literatura apocalíptica não tem uma fonte específica única, mas várias, o que torna difícil a associação de determinado livro com um grupo religioso específico.

Dado todo o exposto, podemos admitir que a raiz da apocalíptica está no profetismo exílico e pós-exílico, com posterior influência da tradição sapiencial e de elementos orientais (especialmente babilônicos e persas); nem sempre é possí-

<sup>445</sup> RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino*, p. 57.

vel discernir com clareza a origem dos diversos elementos.

O contato com a cultura oriental deve ter ocorrido já no exílio, com intensificação da assimilação estrangeira no período helenístico. Essa influência não significa mero empréstimo estrangeiro, mas a adoção de alguns moldes para expressar a tradição judaica de forma renovada.

Sendo então o profetismo a raiz principal da apocalíptica, vale sumariar suas semelhanças e diferenças. Como semelhanças, pode-se registrar que tanto a profecia quanto a apocalíptica se interessam pelo futuro e empregam com frequência linguagem simbólica, e ambas revelam preocupação com o “remanescente justo”.

Como diferenças, podem ser citadas: a apresentação inicial da profecia era, normalmente, em forma oral, sendo depois registrada por escrito, ao passo que a apresentação inicial da apocalíptica era, em geral, escrita; os pronunciamentos proféticos são, com frequência, oráculos separados e breves, ao passo que os apocalípticos são normalmente mais longos e mais contínuos; a apocalíptica contém mais simbolismo que a profecia, usando inclusive animais e outras formas vivas; a apocalíptica normalmente é mais pessimista acerca da eficácia da intervenção humana no estado de coisas presente, ao passo que a profecia focaliza a importância da mudança humana; o gênero apocalíptico normalmente utiliza a pseudonímia, enquanto a profecia é, em geral, falada ou escrita em nome de seu autor; além disso tudo, a apocalíptica usa mais a *profecia ex-eventu*.

Entretanto, uma diferença fundamental é a concepção de história, francamente diferente: na apocalíptica ela é esquematizada com fim específico, ao passo que na profecia ela é o palco dos atos salvíficos de Deus para com Israel.

Essa última característica da apocalíptica aparece tanto em Hesíodo (no *mito das cinco raças*) quanto em *Daniel 2* (no *sonho da estátua do Rei Nabucodonosor*).